

Quando o SARS terminou

O feitiço viral desapareceu e Hong Kong parecia acordar de um sonho

História pessoal

Por Karl Taro Greenfel

17 de Abril, 2020



Em Hong Kong, no final da epidemia de SARS, em 2003, sentia-se uma curiosa combinação de esperança e fadiga

Ilustração de Wenkai Mao

Na primavera de 2003, eu e a minha família morávamos em Hong Kong, num apartamento da era colonial perto de Victoria Peak, a montanha que esculpe horizonte da cidade. No ano anterior, a norte, tinha surgido um coronavírus que causava a síndrome respiratória aguda grave, ou SARS. O vírus, chamado sars-CoV, tinha ultrapassado a barreira das espécies num mercado local, de morcegos para civetas até chegar às pessoas. A taxa de mortalidade era de cerca de dez por cento.

Inicialmente, o governo chinês encobriu a epidemia, ameaçando os médicos que alertavam para o possível novo vírus. Quando eventualmente a infeção alastrou, impôs uma repressão drástica na interação social. O feriado nacional em Maio, quando centenas de milhões de pessoas viajam pelo país de férias, foi cancelado, e os Rolling Stones cancelaram concertos. Muitos habitantes de Hong Kong recorreram ao isolamento social mesmo antes de ser decretado, e muitos regressaram ao seu país, incluindo a minha esposa e filhas. Em Março, a cidade parecia deserta. Discotecas e bares fecharam, restaurantes estavam abandonados, shoppings desertos. A viagem pela Kennedy Road até a Gloucester Road e depois para este ao longo da ilha de Hong Kong até aos meus escritórios em Quarry Bay, normalmente levava meia hora a navegar pelo denso trânsito, agora necessitava de apenas de cinco minutos.

Para quem se recorda do SARS em primeira mão, o desenrolar da atual pandemia de Covid-19 tem sido assustadoramente familiar. O novo coronavírus parece ter surgido na província de Hubei, a algumas centenas de quilômetros a norte da província de Guangdong, onde surgiu o SARS; As decisões da China - o encobrimento inicial, o cancelamento das celebrações do Ano Novo Lunar, a rápida e gigantesca mobilização - também ecoaram o passado. (As medidas parecem resultar; até à data, a propagação da infeção na China diminuiu drasticamente.) Los Angeles, a cidade onde moro atualmente, parece Hong Kong na época. No sábado à noite, fui até à Sunset Boulevard, a icônica rua da cidade, e parei, no meio da estrada. Os semáforos passavam de verde para vermelho e verde novamente; nenhum carro passou. As cidades podem ser felizes à sua maneira, mas as cidades sob uma ameaça de uma doença partilham um vazio comum.

Hong Kong já estava numa crise mesmo antes do SARS. Em 1997, o Reino Unido entregou a cidade à China, num acordo conhecido como Um País, Dois Sistemas. Após a reunificação, Xangai ameaçou tornar-se a nova capital financeira da China, e as pessoas em Hong Kong preocupavam-se que em breve poderiam ser "apenas outra cidade chinesa"; o mercado imobiliário registou um declínio vertiginoso e as restrições às liberdades civis ameaçaram a sua soberania. O SARS parecia o golpe final.

Eu estava em Hong Kong porque editava a *Time Asia*, uma edição da revista internacional semanal com uma equipe de sessenta e duas pessoas e diversas agências na região. Quando o SARS eclodiu, não podíamos trabalhar em casa - a Internet não era suficientemente boa. Em vez disso, víamos dos nossos escritórios os barcos *Star Ferry* de telhado verde e branco viajarem vazios. Todas as tardes, esperávamos que o Departamento de Saúde de Hong Kong divulgasse números oficiais. Tínhamos as nossas apostas para adivinhar quantos novos casos haveriam. A ideia era o mais próximo possível, mas não ultrapassar.

Tentávamos cooperar com a realidade assustadora. O sistema hospitalar de Hong Kong estava sobrelotado. Centenas de profissionais de saúde estavam infetados. Um médico do continente, Liu Jianlun, tinha curado um paciente em Guangdong que mais tarde se tornaria conhecido como o Rei do Veneno, por causa do número de casos que lhe eram atribuídos. Depois de ter conhecido o Rei do Veneno, Liu, que estava em Hong Kong para um casamento, fez check-in no Hotel Metropole, foi fazer compras na Nathan Road e depois voltou ao hotel, onde vomitou; no dia seguinte, deu entrada no hospital Kwong Wah, alertou os médicos que era altamente

contagioso e caiu inanimado. Infetou meia dúzia de médicos e enfermeiros. A maioria dos casos no Hospital Prince of Wales, remetem a um funcionário do aeroporto que tinha visitado o Hotel Metropole, resultou em mais de uma centena de funcionários do hospital infetados. Alguns dos tratamentos padrão para pacientes com problemas respiratórios - incluindo o uso de nebulizadores, dispositivos idênticos a um umidificador que transformam remédios líquidos em ar respirável – acabaram por espalhar o vírus pelo hospital.

Estas e outras histórias aprofundaram o nosso medo; o secretismo do governo apenas o agravou. Soubemos que as autoridades escondiam os casos, retiravam os pacientes pelas portas traseiras dos hospitais, enquanto os inspetores da Organização Mundial da Saúde apareciam pela na entrada principal. Suspeitávamos que o que não sabíamos era bem pior do que o que sabíamos. Imaginávamos salas cheias de infetados, sem conseguirem respirar.

O índice Hang Seng, que contabiliza as ações cotadas na bolsa de Hong Kong, caiu 15% entre Janeiro e Abril. Em sequência de uma partida, onde alguém sugeriu falsamente que a cidade seria fechada, algumas caixas de multibanco ficaram temporariamente sem dinheiro disponível. Depois, como se as coisas não pudessem piorar, a 1 de Abril, Leslie Cheung, o cantor e ator abertamente bissexual do *Cantopop* que esteve em "Happy Together" e "Farewell My Concubine", saltou do vigésimo quarto andar do Hotel Mandarin Oriental. Cheung sempre foi o amuleto de sorte de Hong Kong - uma celebridade amada e acessível que víamos a beber com regularidade em Lan Kwai Fong. A morte de Cheung - sofria de depressão – entristeceu ainda mais as nossas vidas.

Ligeiramente visível do meu escritório ficava *Amoy Gardens*, um condomínio laranja e bege. Dezanove edifícios, cada um com cerca de trinta andares, alojavam perto de dezanove mil pessoas. O complexo era o notório epicentro do vírus - o local, dizia-se, onde o SARS estava espalhado pelo ar. A 14 de março, um homem infetado foi visitar o seu irmão; uma semana depois, registavam três ou quatro casos; no dia seguinte, mais seis ou sete. Rapidamente, surgiam mais de sessenta novos casos por dia em Amoy Gardens, até chegar aos quase trezentos e trinta, muitos deles no bloco E, onde morava o irmão. O que era assustador sobre o condomínio de Amoy Gardens era a sua banalidade. Parecia exatamente como qualquer outro condomínio em Hong Kong. Não se podia deixar de pensar que o que estava a acontecer lá, poderia acontecer em qualquer lado. (Mais tarde, ficámos a saber que a rede de esgotos dos apartamentos tinha facilitado a disseminação do SARS.)

Ao mesmo tempo, nos nossos escritórios, usávamos equipamentos de proteção. Falávamos constantemente sobre lavar as mãos. Mantínhamos distância entre uns e outros. Fora do trabalho, vivíamos vidas solitárias. Todos os eventos tinham sido adiados para uma data indefinida. Jantava sozinho no meu apartamento, com vista para a cidade assustadoramente escura. O meu almoço era todos os dias Chicken McNuggets. Pensei e concluí que, desde o abate até a preparação, o processo McNugget era tal que nenhum arriscava o contato com carne humana potencialmente portadora de vírus. Os trabalhadores usavam luvas e máscaras de proteção; eram fritos em óleo quente o suficiente, esperava, para neutralizar qualquer vírus inativo.

Na altura, muitos de nós depositávamos esperança na “sazonalidade” do vírus. As doenças infecciosas geralmente tornam-se mais ou menos fortes, dependendo da época do ano; vírus respiratórios - gripe em particular - são conhecidos por serem sazonais. Outros coronavírus, como os que causam uma constipação comum, diminuem à medida que os dias se prolongam e o sol nasce mais alto no céu. Se há uma época de gripe, perguntamos, porque também não poderia haver uma época de SARS?

Marc Lipsitch, epidemiologista de Harvard, escreveu um post vastamente discutido sobre a possibilidade de saber se o novo coronavírus - SARS-CoV-2 - poderia ser sazonal. Lipsitch explica que a sazonalidade depende de quatro fatores: o meio ambiente (alguns vírus sobrevivem melhor no ar seco e frio); comportamento humano (as pessoas agrupam-se de maneira diferente no verão e no inverno); o sistema imune humano (em geral, é mais fraco nos meses frios); e a dinâmica da doença em geral (uma epidemia que começa numa estação do ano, tende a terminar noutra). A sazonalidade, por outras palavras, não se refere apenas ao clima. É um fenômeno complexo, no qual elementos ambientais, epidemiológicos e humanos interagem.

"A sazonalidade é o motor universal de quase todas as nossas doenças infecciosas", disse-me Micaela Martinez, ecologista de doenças infecciosas da Escola de Saúde Pública Mailman da Columbia. A pesquisa de Martinez centra-se na identificação dos mecanismos que causam a sazonalidade. É possível, por exemplo, que, para certas doenças, os ritmos circadianos sejam relevantes: porque a localização de algumas células do sistema imune no corpo varia consoante a hora do dia, dias mais longos podem mudar a forma como o sistema imune responde a uma infeção. (Muitos dos piores sintomas do Covid-19 - febre, inflamação, líquidos nos pulmões - são o resultado de respostas inadequadas do sistema imune) Martinez enfatizou o quanto se sabe sobre a biologia da sazonalidade. "Espero um declínio sazonal", disse. Mas, no caso da sars-CoV-2, os fatores sazonais podem ter sido superados pela escala do surto e pela facilidade com que o vírus se propagou.

Tanto o sars-CoV como o sars-CoV-2 são coronavírus de RNA. Textos oficiais, dizem que "os coronavírus sofrem mutações com grande frequência devido às altas frequências de erro das RNA polimerases". (O RNA é uma única cadeia longa; enquanto que o DNA tem uma dupla hélice, que permite verificar erros.) "Quando sofre uma mutação, tende a haver uma desvantagem de sobrevivência para o vírus", frisou Charles Prober, epidemiologista pediátrico na Universidade de Stanford. É possível, portanto, supor que o sars-CoV-2 teve um declínio sazonal. Como um "otimista", disse Prober, esperava este resultado. O fator sorte também é importante numa epidemia. Também é possível, por más decisões, desperdiçar um golpe de sorte.

Ainda não o sabíamos, mas aquela semana - a semana da morte de Leslie Cheung - foi o ponto alto de histeria e medo. No início de Abril, enquanto tentávamos prever o número de novos casos e questionávamos a dimensão do encobrimento político, o número de novas infeções eram inferiores aos casos recuperados. Já em Maio, os dias mais quentes surgiam, olhávamos à nossa volta e percebemos que ainda estávamos vivos.

O que realmente aconteceu? Em retrospectiva, parece provável que vários fatores foram responsáveis. Todos nós efetivamente decidimos ficar em autoisolamento (ou, no caso de minha esposa e filhas, realmente sair do país). As escolas estavam fechadas há mais de um mês. Todos na cidade usavam máscaras cirúrgicas, sem exceção; na televisão, até funcionários do governo apareciam com fatos e equipamento de proteção completo.

O sistema médico também se adaptou. Antes do SARS, alguns hospitais eram descuidados, usando antibióticos para controlar doenças infeções, em vez de manter uma desinfecção contínua. O que triunfou na luta contra o SARS, escrevi mais tarde, no meu livro sobre o surto "Síndrome da China", foram "proscrições do estilo Florence Nightingale: camadas protetoras de máscaras, óculos, luvas, botas e batas. Quartos e alas isolados. Quarentena. Ventilação. Não era uma solução merecedora de um Prêmio Nobel. No entanto, foi eficaz." Os modernos sistemas hospitalares não estão capacitados para uma enchente de casos respiratórios críticos. Mas os hospitais de Hong Kong, depois de sobrelotados, adaptaram-se.

Na altura, também nos pareceu que a temperatura desempenhou um papel importante. Hong Kong em Abril tem uma temperatura média de 21°C e em Maio de 26°C. E, no entanto, os nossos esforços de contenção foram tão fortes que o vírus desapareceu antes de qualquer tendência sazonal, pudesse ser amplamente comprovada.

O fim do SARS veio acompanhado por uma curiosa combinação de esperança e fadiga. Vivíamos dentro de casa, isolados, atrás de máscaras, há tanto tempo que já era normal - até chato. Recordo-me da primeira vez que vi alguém a usar uma máscara, no início do surto: passeava com a minha filha de três anos pelo Victoria Peak, e ela apontou. Mas não me lembro quando vi alguém sem máscara pela primeira vez ou quando decidi deixar a minha em casa. Suponho que um dia, devo ter acordado, vestido, procurado a N95 como de costume e ter pensado: será realmente necessário?

O governo não nos deu ordem para sair – não conseguia eliminar o nosso medo. Em vez disso, alguns pensamentos internos pareciam mostrar que os benefícios de viver as nossas vidas superavam os riscos de contrair o SARS. Enquanto escrevo, sei que parece ridículo, mas parecia que o próprio vírus tinha enfraquecido - como se estivesse ferido. Parecia que tinha saído da cidade.

A minha família regressou. Restaurantes reabriram. O feitiço estava quebrado; Hong Kong parecia acordar de um sonho. Houve dias mágicos de primavera, quando o sol inundou Victoria Harbour. Conversávamos pessoalmente. O vírus reduziu a vida de todos à simplicidade- teve ou não. Agora, parecia haver sete milhões de histórias diferentes.

Um dia, sentado num pequeno restaure de frango e arroz cheio de clientes, pensei. É isto que é a vida.